

# Hospital de Base à deriva

DF - Saúde

## Voluntários doam desde material cirúrgico e medicamentos até portas e chuveiro elétrico

FLÁVIA ROCHE  
REPÓRTER DO JB

O Hospital de Base do Distrito Federal (HBDF) continua sem estrutura para atender seus pacientes. Faltam equipamentos cirúrgicos e medicamentos. Com falta de verbas do governo, quem mantém o hospital funcionando, ainda que precariamente, são os próprios pacientes, que trazem desde cortinas à chuveiro elétrico.

Após 42 anos da inauguração, o hospital comemora o atendimento à 16 especialidades cirúrgicas. Mas, nem todas funcionam como deveriam. Das 16 salas de cirurgia para atender todas as áreas do hospital, apenas sete estão funcionando. Até os elevadores da entrada principal não funcionam. São apenas três elevadores para atender milhares de pacientes, alguns para transporte de macas, e visitantes. Não é somente a falta de salas que compromete o tratamento de alguns pacientes. Sem medicamentos básicos, eles trazem desde seringas até chuveiro elétrico para o hospital. O próprio diretor do HBDF, Aluísio Toscano Franca, comprou seringas na última semana na Rua da Farmácias, 102 Sul, para abastecer alguns setores cirúrgicos.

Em alguns leitos faltam até portas. Pacientes, pedreiros e marceneiros usam o dom para melhorar o ambiente hospitalar. A manutenção de aparelhos no hospital é cara e chega a custar R\$ 22 mil, por mês. Em um dos setores do hospital, na "sala da sucata", como os próprios funcionários chamam, existem respiradores artifi-

ciais, hemodinâmicas, ressonâncias magnéticas e monitores cardíacos parados.

Há quase 10 anos, segundo médicos, não são adquiridos materiais cirúrgicos.

– O instrumental cirúrgico está obsoleto. Vamos operando como dá – ressaltou um especialista.

Nos leitos, a luminosidade incomoda os pacientes. É que nem um quarto possui cortinas. Os armários e camas hospitalares são da época da inauguração do hospital e estão cheios de ferrugens, expondo pacientes à infecções.

Os transplantes estão parados novamente, sob a determinação do Ministério da Saúde. Somente o de rim é feito em pequenas proporções. As cirurgias de fígado, por exemplo, não são feitas há um ano e seis meses. O último transplantado foi o aposentado Mauro Machado, 55 anos. Desde então, dos dez pacientes à espera de um fígado, nove morreram.

A procuradora da Fazenda Nacional, Maria Walkíria de Souza, 45 anos, é uma das voluntárias do hospital. O pai, João Ferreira de Souza, ficou internado dois meses, à espera de uma cirurgia no pâncreas. Na época, Walkíria levou medicamentos para dar andamento ao tratamento, já que o hos-

tal não possuía a devida estrutura. Com espírito de solidariedade, ela doou cortinas, azulejos e tinta para o hospital.

– Apesar do empenho dos médicos, falta de tudo aqui no Hospital de Base. Quando convivemos um pouco com a situação é que vemos a gravidade dos fatos. Por isso quis ajudar

os doentes mais humildes. Na época eu podia comprar medicamentos e materiais. E quem não pode? – indagou a procuradora.

Quem aproveitou a mudança no quarto foi o paciente Alexandre Pereira, 21 anos. Acompanhado da esposa e dois filhos, ele está há mais de um

mês internado no hospital e sofre com o desconforto da forte luminosidade no rosto durante o dia.

– Tem horas que o calor aqui no quarto fica insuportável. A luminosidade dá até um mal-estar – reclamou Alexandre.

Onde há excesso de luz, falta até água. No quarto vizinho ao

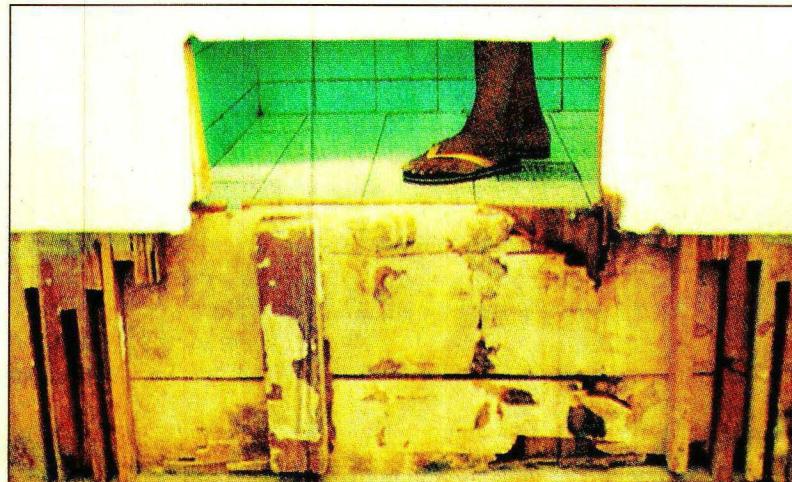
de Alexandre, está Laura Rosa de Souza, 67 anos. Também internada há pouco mais de um mês, ela espera por uma cirurgia de estômago. Para continuar no hospital, a filha Ana Cristina teve que fazer milagre com a renda da família para comprar os medicamentos e pagar os exames que o próprio hospital deveria oferecer. Entre antibióticos como Plasil, radiografias e chuveiro elétrico, ela já gastou cerca de R\$ 300, sendo que a renda da família não ultrapassa R\$ 600.

– É um absurdo termos que trazer tudo para o hospital. Nem chuveiro não tinha no banheiro. Isso é obrigação do estado. Mas, se não trazemos, ficamos sem atendimento. Ainda com as doações, minha mãe já teve a cirurgia cancelada porque faltou equipamentos de monitoramento. Não podemos doar tudo – contou Ana Cristina.

No Setor de Transplantes de Fígado, por exemplo, seis apartamentos de dois leitos foram reformados com a ajuda dos antigos pacientes. Além de ex-pacientes pedreiros e marceneiros, até a embaixadora da Noruega, Liv Kehr, enquanto hospedada no hospital, doou móveis para o setor. O delegado Domingos Muniz, 43 anos, após acompanhar a mãe para uma cirurgia de prótese de joelho no hospital resolveu resgatar o ambiente de trabalho dos médicos. Com investimentos de quase R\$ 2 mil, ele trouxe até um policial voluntário e um preso, que teve remissão de pena, para ajudar nas pequenas reformas.



Cristiano Costa/BGPress



Por falta de cortinas, a luminosidade incomoda pacientes. A procuradora Walkíria de Souza (na foto acima, à esquerda) é uma das doadoras de materiais do HBDF. Na foto ao lado, portas e pisos dos banheiros danificados